

Recepção de *Dom Quixote* no Chile e no Brasil: aproximações e diferenças jornalísticas entre 1884 e 1905

pg 41 - 55

Aline Venturini¹

Resumo

Esse texto se propõe a comparar a recepção de *Dom Quixote* no Chile e no Brasil, a partir de jornais dos dois países publicados em meados do final do século XIX (1884) e início do XX (1905) e cujos títulos levam nomes de personagens quixotescos. Segundo os críticos dos dois países, nesses jornais, a obra é lida de acordo com os seus interesses, centrando-se no nacionalismo e no protesto contra seus governos. A nossa leitura realiza-se pelo viés romântico e idealista, tendo como centro Miguel de Unamuno (1914) e Ortega (1967), ancorando-se na tese de Raquel Villaborba Lara (2014) em relação à recepção do Chile, entre 1863 a 1947, que é comparada à leitura quixotesca brasileira presente no jornal “D. Quixote”. As teorias chartiana, Hermenêutica e da Recepção fundamentam as discussões.

Palavras-chave: Dom Quixote. Recepção. Chile. Brasil. Leitura romântica.

RECEPTION OF DON QUIXOTE IN CHILE AND BRAZIL: JOURNALISTIC APPROACHES AND DIFFERENCES BETWEEN 1884 AND 1905.

Abstract

This text proposes to compare the reception of Don Quixote in Chile and Brazil, from newspapers of the two countries published in the middle of the end of the XIX century (1884) and beginning of the XX (1905) and the titles take names of Quixotic characters. According to critics of the two countries, in these newspapers, the work is read according to their interests, focusing on nationalism and protest against their governments. Our reading is carried out by the romantic and idealistic bias, having as center Miguel de Unamuno (1914) and Ortega (1967), anchoring in the thesis of Raquel Villaborba Lara (2014) in relation to the reception of Chile between 1863 to 1947, which is compared to the Brazilian quixotic reading present in the newspaper “D. Quixote”. The theories of Charity, Hermeneutics and Reception are the basis for the discussions.

Keywords: Don Quixote. Reception. Chile. Brazil. Romantic reading.

Introdução

O objetivo deste artigo é aproximar esses momentos dessa recepção jornalística quixotesca do Chile e do Brasil, fazendo um recorte sobre os jornais que levam, propositalmente, o nome do protagonista. A principal hipótese que norteia esse texto é de que essas leituras foram motivadas, sobretudo, pelos

¹ Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: alineventurini@yahoo.com.br
Orientador: Ruben Daniel Mendez Castiglioni, professor doutor do Programa de Pós-graduação em Letras, da UFRGS.

anseios de justiça e de denúncia dos governos em um contexto de repúblicas recém-instituídas. Sendo assim, os periódicos usavam os personagens para defender a sua linha ideológica. No entanto, a despeito das leituras singulares feitas em cada região, a perspectiva dos dois países se assemelha muito, pois as duas se inspiram nas ideias europeias de Unamuno (1914) e Ortega (1967) sobre *D. Quixote*, na maneira de ver o protagonista como um exemplo e inspiração de idealismo, denúncia e luta. Por isso, a tese principal sustentada aqui é de que as leituras jornalísticas quixotescas chilena e brasileira, realizadas no final do século XIX e XX, representam a síntese de como a América Latina leu o *Quixote*, posto que a maioria dos países sofreu processos semelhantes de consolidação nacional. O protagonista, cujo caráter é definido pela ação de tentar realizar sua fantasia literária de cavaleiro para socorrer as pessoas que mais precisam e de imaginar um mundo diferente, serviu de inspiração para formular o idealismo e para, sobretudo, fazer crítica social e política.

A base desta investigação será a tese de Raquel Villaborba Lara, *La primera edición del Quijote en Chile: reescritura, recepción crítica y reinterpretación en Chile desde 1863 a 1947* (2014), que trata da recepção quixotesca e cervantina no Chile na virada do século XIX para o XX. A autora destaca que a primeira recepção crítica ocorre no Chile em 1863, enquanto que a do Brasil se desenvolverá mais tardiamente, somente em 1905. O que é considerado crítica são os textos que tratam exclusivamente da interpretação de *D. Quixote*, limitando-se, portanto, a determinados gêneros de textos, como ensaios e artigos. Adaptações, reescrituras de *D. Quixote* e obras baseadas em alguns aspectos estéticos e\ ou nos protagonistas ocorreram antes da recepção crítica de ambos os países. Contudo, isso não significa que não houve recepção quixotesca antes das respectivas datas delimitadas: os jornais leram a obra de acordo com os acontecimentos políticos

e sociais da época, sempre vendo no protagonista um exemplo de alguém que denuncia e que projeta seu idealismo social sobre a realidade nacional e, por isso, foi usado para fazer crítica política.

Dom Quixote se tornou popular na América Latina desde a publicação de sua primeira parte, em 1605. Contudo, o conhecimento da obra não se deu unicamente por uma leitura independente. Antes, evocou a identificação dos latino-americanos, notadamente, chilenos e brasileiros, por suas necessidades de afirmação nacional e de justiça social. Sendo assim, leram *Dom Quixote* à sua maneira, ao mesmo tempo que o fizeram acompanhando a tendência leitora romântica da obra.

O processo de construção nacional do Chile e do Brasil influenciou a interpretação dessa obra nesses países. Seus respectivos intelectuais a leram segundo seu anseio pela construção de uma identidade própria. Assim, viam nos dois protagonistas, D. Quixote e Sancho, símbolos de luta, de idealismo e de denúncia das injustiças. Essa leitura se efetivou, sobretudo, através dos jornais que circulavam nos dois países na virada do século XIX para o XX intitulados com os nomes dos personagens quixotescos, antes do surgimento da leitura crítica ensaística no Chile e no Brasil.

O capítulo 8 da tese de Lara (2014), intitulado “Corpus de lecturas críticas sobre El Quijote en Chile”, trata no item 8.4 sobre a presença do Quixote nos periódicos chilenos. Lara (2014, p.245) aponta que houve jornais e periódicos que utilizaram como mote principal os personagens da obra. São eles: *Don Quijote. Periódico satírico i de caricaturas* (Santiago, 1884); *Sancho Panza. Semi diario de buen humor* (Santiago, 1893-1894); *Don Quijote, periódico popular de caricaturas* (Santiago, 1902-1903); *Don Quijote, semanario satírico humorístico. Defensor de los intereses de la Alianza liberal* (Concepción, 1917-1918); *Don Quijote, lesera de crítica política y caricaturesca* (Talca, 1934). De acordo com Lara:

Desde 1884 e intermitentemente hasta 1934, circularon em Chile distintos periódicos que llevaban por nombre a los principales personajes cervantinos: Todos estos periódicos tienen como característica común, rescatar el uso de la ironía de las aventuras vividas por don Quijote y trasladarlos a la realidad chilena. (LARA, 2014, p. 245)

A autora aponta, entretanto, que o texto jornalístico mais antigo publicado sobre Cervantes é o artigo de Enrique del Solar, Cervantes Poeta, que está no periódico *La estrella de Chile*, em 23 de Junho de 1872. Este autor é considerado por Echeverría e Sullivan o primeiro cervantista chileno.

Um pouco antes, no Brasil, em 1877, Machado de Assis publicou sua crônica “Aquiles, Enéias, Dom Quixote e Rocambole” no dia 15 de janeiro, no jornal *O Cruzeiro*². A crônica de Machado de Assis pode ser considerada um texto crítico que relaciona D. Quixote com outros três heróis famosos da literatura: o semideus grego Aquiles, o soldado Enéias e, por último, Rocambole. O escritor compara os heróis aos ápices de epopeias da história da humanidade e seus anseios. Aquiles é relacionado à “infância da arte”, isto é, à divisão entre bons e maus, e a crença de que existiam homens invencíveis e semideuses que podiam salvar o mundo sozinhos. Este paradigma de herói passa por Enéias até que D. Quixote transforma o conceito em humor, posto que desnuda o cavaleiro medieval e sua condição perfeita: o personagem é, de acordo com Assis (1982, [1877], p.92): “alma generosa e nobre, mas ridícula nos atos, embora sublime nas intenções. Ainda nesse terceiro herói luzia um pouco da luz aquileida, com as cores modernas, luz que o nosso gás brilhante e prático de todo fez empalidecer.”

Em 1895, Angelo Agostini começa o seu jornal ilustrado *Dom Quixote*, que dura até 1903.

² Embora exista a presença de textos jornalísticos que fogem à delimitação temporal pretendida no artigo (final do século XIX e início do XX), o texto foca nos jornais que levam o nome de D. Quixote nos dois países e que foram publicados na mesma faixa de tempo, uma vez que se torna explícita a leitura política e ideológica realizada tanto pelo Chile, quanto pelo Brasil, usando esta obra cervantina.

Entre 1917 e 1927, Bastos Tigre coordena a revista *Dom Quixote*, que também se constitui como formadora de opinião no início do século XX.

A leitura jornalística dos períodos intitulados *Don Quixote* no Chile (1884-1934)

O primeiro periódico *Don Quixote. Periódico satírico i de caricaturas, de 1884*, é considerado por Lara (2014) o mais importante relacionado à representação de *Dom Quixote*, posto que é o mais extenso. Foram publicados nas seguintes datas: 6, 10, 17 e 24 de junho de 1884. O periódico se caracteriza, segundo Lara, pela crítica política da época:

Su blanco principal son los intelectuales y políticos proclives al gobierno de su época, el de Domingo Santa María González (presidente entre 1885-1889). Además, el periódico se utilizará como el ente vocero en contra el editor y redactor del periódico que lleva por título *Padre Cobos*, Juan Rafael Allende. Se trata de otro periódico satírico y de clara tendencia anticlerical y en el que se incluyen, también, caricaturas a cargo del ilustrador Luis Fernando Rojas. (Lara, 2014, p.246)

O personagem atua e é representado neste jornal, de acordo com Lara (2014), como alguém que fiscaliza e denuncia o governo frequentemente. As características do Quixote e de seu escudeiro permanecem as mesmas: enquanto que o primeiro utiliza uma linguagem bastante erudita e constrói seus argumentos de forma sábia, o segundo emprega uma linguagem simples e informal, além de demonstrar inocência e praticidade em seu discurso.

Além disso, o jornal possuía uma parte dedicada à literatura, chamada “crônica quixotesca”, que teve como primeiro texto publicado *El tirano Rosas*, criticando Domingo Sarmiento. Essa seção servia, de acordo com Lara (2014, p.249), para criticar os políticos da época, utilizando o Quixote para afirmar as orientações políticas utilizadas pelos jornalistas para proclamar a justiça e a liberdade:

“En un apartado dentro de la crónica Quijotesca, se describe la visita que el caballero andante le hace al nuevo Ministro de Guerra, Carlos Antúnez, para consultarle sobre la ley de caballería.” Tal texto, publicado em junho de 1884, faz referência ao novo ministro da Guerra Carlos Antúnez, que assume o cargo em 21 de maio de 1884. O período político é o da República liberal (1861-1891), caracterizado pelo aumento da estabilidade política e pela expansão do território nacional. O jornal criticava a maneira como os liberais conduziam a nação, através do tom irônico e satírico característico dos personagens quixotescos. O jornal criticava ainda as classes dominantes e o povo. Em 17 de junho foi publicado o artigo “Sancho se subleva”, no qual critica os homens chilenos do século XIX que fingiam ter uma classe superior do que realmente tinham.

O segundo jornal, *Sancho Panza. Semi diario de buen humor* (Santiago, 1893-1894), começou a ser publicado em 18 de setembro de 1893 até fins de janeiro de 1894. Caracteriza-se pelo tom satírico e paródico e seu personagem principal é, desta vez, Sancho Pança. Conforme Lara:

utilizan a su favor es la ironía encarnada em Sancho Panza, quien con su carácter simple e ingenuo, entiende denotativamente las expresiones a las que se hace referencia: (...) hacen de Sancho Panza el personaje que habla y critica específicamente a la sociedad aristocrática, a los políticos conservadores y a los clérigos. (Lara, 2014, p.253.)

Sancho Pança se torna a figura ideal para este intento, posto que representa o povo simples e, por isso, é convocado por seu amo para ir ao Chile assumir o governo e corrigir as injustiças. No entanto, com o tempo, sucumbe aos hábitos do lugar que mais critica, que são o alcoolismo, a mentira, a inveja, a injustiça e outros. Segundo Lara (2014, p.256) esse jornal tem orientação liberal e anticlerical, o qual “pone en evidencia el desencanto hacia la clase política y clerical que se vivía en Chile a fines del siglo XIX.”

O próximo jornal chileno citado por Lara (2014) é *Don Quijote* (Santiago, 1896-1897). Este possui como figura central o personagem Sancho Pança e seu ideal é a defesa da unificação do liberalismo. Investe, segundo a autora, nas caricaturas do povo chileno, assim como fazia *Sancho Pança. Semi diario de buen humor*. Por fim, entre 1902 e 1903, foi publicado *Don Quijote, periódico popular de caricaturas* (Santiago, 1902-1903).³ A estudiosa aponta que, no primeiro número, publicado em 16 de novembro de 1902, o personagem central quixotesco já aparece se intitulando como o redator e justiceiro. De acordo com este periódico, *apud* Lara, o objetivo do Quixote era:

Nuestro credo es el bien público, nuestro programa la verdad, nuestro ideal, el bienestar del pueblo. La patria es el pueblo, i por él trabajamos.⁴ Hénos, pues, aquí lanzados a la pelea. [...] Llegamos en buena hora para luchar i decir verdades i hacer justicia (SANTIAGO, 16 de noviembre de 1902 – Grifo nosso). (DON QUIJOTE, PERIÓDICO POPULAR DE CARICATURAS, 1902, *apud* LARA, 2014, p. 278)

Este periódico possui apelo bastante popular e nacionalista, no sentido de que evoca, como seu principal objetivo, aliado ao personagem Quixote que o intitula e é seu porta-voz, a defesa do povo e da pátria. Neste sentido, não só se propõe a criticar as classes mais favorecidas e o governo, como também estimula a construção do sentimento de nacionalidade e de identidade chilenas. Dessa forma, o Quixote é visto como o ser lutador, idealista, desejoso de livrar a pátria chilena de todas

3 Ainda são citados por Lara mais dois jornais. Contudo, vamos nos deter somente ao que se estende até a data que se encerra o jornal brasileiro *Dom Quixote* de Angelo Agostini, uma vez que o objetivo deste artigo é comparar a leitura política de *Dom Quixote* realizada entre os dois periódicos chilenos no mesmo período, o qual consiste o final do século XIX até 1905, com o de Agostini. Os próximos periódicos chilenos, a nível de informação, são: *Don Quijote, periódico popular de caricaturas* (Santiago, 1902-1903); *Don Quijote, semanario satírico humorístico. Defensor de los intereses de la Alianza liberal* (Concepción, 1917-1918); *Don Quijote, lesera de crítica política y caricaturesca* (Talca, 1934).

4 Grifamos esta frase, pois ela é a ideia-chave que liga a semelhança de leituras de *Dom Quixote* entre os jornais chilenos e o brasileiro entre 1884 e 1905.

as mazelas sociais e políticas, da mesma forma que o Quixote cervantino faz em relação às “viudas e os menesterosos.” Essa leitura está muito presente em Ortega (1967), que vê o personagem cervantino como a representação da identidade espanhola e da busca por soluções para a pátria. Nesse caso, o periódico chileno leu as referências ortegarianas para estabelecer uma conexão identitária com o seu contexto político e social, ou seja, para entender o seu próprio país. Este contexto era representado pelo Quixote neste periódico, de acordo com Lara:

A don Quijote se le transplanta a la realidad del Chile de inicios del siglos XX y se critica directa y duramente a la clase política que ha traicionado los cimientos del liberalismo. A través de esta aventura, cuyo título emula a la versión original cervantina, se dan a conocer hechos puntuales de lo que acontecía en Chile en aquella época. Se menciona al Presidente Germán Riesco, Presidente de la República entre 1901 y 1906 y representante del partido liberal pero a quien acusan de traicionar al partido por hacer concesiones al Partido Conservador. Lo mismo ocurre con Juan Luis Sanfuentes, quien se desempeñó, durante el mandato de Riesco, como Ministro Subrogante de Justicia e Instrucción Pública y de Hacienda. Se hizo muy afamado por sus negocios y en 1902 estableció un pacto con los conservadores, por lo que también fue considerado como traidor por los liberales y por los encargados del periódico de *Don Quijote*. Asimismo, se menciona a Eduardo Videla, diputado durante 1902 y miembro de diferentes comisiones gubernamentales y miembro del Partido Liberal. En el segundo número, aparece un texto en el que don quijote se ezplaya dándole consejos al “malandrín que gobierna este reino encantado” (20 de noviembre de 1902), el Presidente Germán Riesco. (Lara, 2014, p.280)

O governo de Germán Riesco era de orientação liberal. Foi eleito com apoio da Alianza Liberal em 25 de Junho de 1901. Era conhecido por seu temperamento moderado, porém, teve uma curta carreira política. Seu período de governo foi parlamentar: o parlamento tomava as decisões e cabia ao presidente conciliar as diferentes posturas políticas. Nesta época, o Chile passava por grandes dificuldades sociais e econômicas, principalmente as classes menos favorecidas, como os operários,

ferroviários e mineiros. Havia uma inflação dos produtos de primeira necessidade, de modo que Riesco teve muitas dificuldades para governar, entre elas, as greves contínuas da classe operária. Dessa forma, a igreja e os jornais, sobretudo *Don Quijote, periódico popular de caricaturas* (Santiago, 1902-1903) o tomaram como alvo e criticavam sua atuação. O personagem cervantino aparece como uma espécie de conselheiro do presidente Riesco em um artigo publicado neste jornal e referido por Lara (2014), chamado *Consejos que el caballero don Quijote de la Mancha da a don Jerman Riesco para su buen gobierno*. Neste texto, o presidente pede a Dom Quixote que faça uso de sua lança contra “aqueles que saqueiam e roubam o país.”

A leitura empreendida sobre *Dom Quixote* nos jornais chilenos de 1884 a 1903 não só identifica o personagem como uma espécie de salvador idealista capaz de denunciar e lutar contra as mazelas de seu contexto histórico, político e social, mas também é bastante ideológica, relacionada ao liberalismo. Embora esta ideologia seja moderna em relação ao contexto cervantino da primeira edição de Dom Quixote, entre 1605 e 1615, as características justiceiras do personagem, seu apreço pela liberdade, o relacionam, imediatamente, aos valores liberais, que colocam a liberdade do indivíduo em relação ao Estado em primeiro lugar. Já a ligação realizada com o povo se dá pelo idealismo expresso pelo personagem, em seu objetivo como cavaleiro andante em ajudar as pessoas de forma desinteressada. Essas características foram tomadas pelos jornais como forma de expressar sua indignação e defender sua ideologia liberal. Por isso, o personagem foi visto, pelos jornais chilenos, como uma forma de traduzir seu sentimento de revolta contra a situação em que o país se encontrava e, sobretudo, afirmar a identidade.

É interessante que esta afirmação identitária e nacionalista que ocorre no Chile na virada do século XIX para o XX também está presente no

restante da América Latina, o que faz com que as repúblicas comecem a surgir e a se consolidar. Dessa maneira, *Dom Quixote* será lido de forma semelhante em outros países que passavam por um processo parecido com o Chile no mesmo período, como o Brasil.

A leitura do protagonista quixotesco realizada pelo jornal brasileiro ilustrado *D. Quixote*, de Angelo Agostini (1895-1905)

Esta forma de leitura nacionalista sobre *Dom Quixote* encontrada nos periódicos chilenos é semelhante com a que opera o jornal brasileiro *D. Quixote ilustrado*, de Angelo Agostini, que funcionou entre 1895 a 1905. No primeiro número, publicado em 23 de janeiro de 1895, já anuncia este objetivo:

A pouco a pouco os nossos leitores e o público terão ensejo de perceber que este nosso *D. Quixote*, já pelo nome, já pelo carácter exquisito, tem muita afinidade e até mesmo algum parentesco com o decantado e engenhoso fidalgo de La Mancha. Embora o tempo seja outro e o decurso de seculos dêse lugar a progressos admiraveis, na Sciencia, na Arte, na Política, em todos os ramos, enfim, do saber humano, o certo é que neste *fin de siècle* ainda se soffre muito, ainda se é víctima de um sem número de prejuizos moraes, e de inqualificaveis abusos, praticados quasi sempre pelos mais fortes, ou que suppoem sel-o, contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não teem consciencia da sua força. Apesar de haver derramado rios de sangue humano pela affirmação da supremacia do direito sobre a força, e não obstante a civilização da nossa epocha, ha uma tendencia fatal para adoptar, e dar-lhe fóros de legitimidade, o tremendo axioma do ferreo Bismarck: *-A força antes do direito.* Pois bem: com o pensamento na sua Dulcinéa, que esta patria brasileira, tão bella e tão forte, o *Don Quixote*, que ora se apresenta, está resolvido e prompto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideál, que é: *- Mais civilização, mais progresso, mais humanidade.* (*D. QUIXOTE ILUSTRADO*, 1895, p.2)

O primeiro número anuncia os objetivos do jornal e explica a sua denominação. A partir dela fica clara a distinção entre o Dom Quixote do jornal brasileiro e protagonista cervantino, contudo, também é possível observar a sua semelhança.

O personagem, neste jornal, tratará das questões sociais e políticas brasileiras de seu tempo, distanciado das ideias originais do protagonista em que é inspirado. O principal apontamento em relação a isso é o ideológico: o personagem título do jornal de Angelo Agostini tem uma orientação liberal, enquanto que o cervantino professa as leis de cavalaria e a dinâmica medieval, remetendo a um tempo já superado em relação à realidade dos demais personagens. Ambos, entretanto, se aproximam pelo idealismo, a justiça e o apreço pela liberdade. Ou seja, o Quixote original inspira o Quixote recriado a partir dele, levando a reconhecer, no protagonista criado por Cervantes, o embrião de algumas ideias modernas, como o liberalismo, que surgiram bem depois da publicação da primeira edição do Quixote, em 1605 e de sua segunda parte, em 1615. Esta leitura, entretanto, não é feita apenas pelo jornal de Agostini, ela é frequente.

Além da decantada liberdade individual, outro ponto de contato entre os dois Quixotes é a busca pela justiça. O jornal esclarece, desde o início, que apesar dos avanços científicos, tecnológicos, artísticos e políticos, ainda ocorrem abusos e injustiças dos seres humanos uns contra os outros, sendo os abusadores sempre os mais fortes, ou seja, os poderosos, os que detêm o poder de decisão na sociedade e na vida das pessoas. Nesse caso, o jornal afirma o caráter humanitário do primeiro Quixote no sentido de denunciar as injustiças e, com isso, lutar por mudanças como a a igualdade. Esta ideia está presente nos pressupostos de Unamuno (1914) e Ortega (1967). O primeiro vê o personagem como alguém que questiona a organização humana real e, de certa forma, denuncia suas contradições e injustiças. Assim, ao resgatar o personagem de Cervantes, o jornal brasileiro percebe e transforma algumas dessas características de acordo com a sua leitura de mundo, em uma espécie de leitura antropofágica, conceito que surgiria, no Brasil, somente em 1922, com a Semana de Arte Moderna.

A visão nacionalista do jornal fica explícita quando, na utilização ideológica da figura de Cervantes, afirma que a Dulcinéia de seu Quixote é a pátria brasileira, expressando um ideal utópico de nação, tal qual a personagem Dulcineia é para o Quixote cervantino: um ideal de uma nação justa para todos, na qual não há opressão dos mais fracos pelos fortes. Nesse sentido, o objetivo do jornal de Angelo Agostini é a busca por essa nação-Dulcineia-ideal.

Esse sonho de pátria brasileira se objetiva nos ideais republicanos e liberais formulados ao final: “*Mais civilização, mais progresso, mais humanidade.*” Estes três elementos resumem a ideologia liberal e positivista, que recordam o lema “Ordem e Progresso” posto na bandeira nacional. Civilização, no sentido de construir uma identidade própria civilizada que se afaste da “barbárie indígena” e do estigma de colônia, carregado por muito tempo pelo Brasil e que agora, com a república iniciada, é um ideal a ser buscado; progresso expressa a ideia de crescimento e do ideário positivista de humanidade, o qual está expresso pelas ideias liberais de liberdade.

O Dom Quixote Ilustrado de Agostini pode ser considerado, desde o início, um meio de comunicação de direcionamento republicano e conservador, embora se proclame como um jornal “apartidário e avesso à vida política,” dita como uma “coisa suja”. De acordo com Agostini (Maringoni, 2006) o jornal aplaude as figuras políticas e poderosas do meio e quando há crítica, na maioria das vezes, é bastante moderada. Segundo Oliveira (2006), no número 12 de 13 de Abril de 1896, o editor afirmava que:

A Don Quixote não faz política; considera esta uma verdadeira praga. Também não representa partido algum; representa a si mesmo, e já não é pouco, pois assume toda a responsabilidade dos seus atos. Tem um programa...ah! isto ele tem! Simples, mas grandioso: a prosperidade do Brasil! Também tem uma bandeira, a bandeira mais bela, a bandeira nacional! (Oliveira, 2006, p.219)

Dessa forma, o jornal não assume, completamente, que a sua posição política é, na verdade, muito mais favorável aos que estão no poder do que contrária. Ao afirmar que não faz política e não representa partido algum, não revela, em parte, que sua ideologia é republicana e conservadora, conforme o caráter da doutrina do Marechal Floriano Peixoto. Sua justificativa é o nacionalismo, que representaria o Brasil, e assim não se compromete.

O Dom Quixote de Agostini, tal como o original, não está sozinho em sua luta contra as injustiças que assolam a primeira república. O jornal enfatiza que isso não se faz somente com o idealismo e, nesse sentido, resgata a personagem de Sancho, que é visto como o lado racional, oposto ao idealismo e o sonho presentes no Quixote. Será, portanto, sua interface, chamando a atenção do cavaleiro para os perigos que sua visão demasiada sonhadora não é capaz de ver. Por isso, sublinha que as observações de Sancho são realistas, práticas e também filosóficas. De acordo com Agostini:

Se na realização deste programma, encontrar *D. Quixote* as disilusões que asoberbaram o seu incomparavel homonymo, affrontal-as-ha intemerato e prosseguirá àvante -tendo o cuidado, porém, de prestar mais attenção ao seu fiel escudeiro, o precioso Sancho Pança, que o acompanhará, indefectivel, em toda a penosa jornada, que o avisará de todos os perigos iminentes, e lhe dará sempre a nota realista, a nota practica, a nota philosophica dos acontecimentos.(Agostini, 1895, p.2).

Esta visão da dinâmica entre o Quixote, que é o idealismo, o sonho e a Filosofia, e Sancho Pança, que representa a razão e a visão considerada real, não é privilégio do jornal ilustrado de Agostini. Está presente nas leituras europeias realizadas no século XIX, conforme afirma Reguera:

En consecuencia con la nueva manera de leer e interpretar el *Quijote* a partir del Romanticismo, en los últimos veinte años del siglo XIX se va desarrollando un cierto tipo de crítica, al tiempo que toda una imagen de la obra (y del

autor), que es la que heredan los que se acercan a la obra cervantina en el primer cuarto del siglo veinte. Así por ejemplo, como herencia del romanticismo que se desarrolla después de forma reiterada tanto en la literatura como en las artes plásticas, debe considerarse la dualidad Quijote-Sancho como “metáfora de las contradicciones, pero inseparables, componentes de la personalidad humana”, asimismo, la simbiosis entre personaje y creador, con la identificación de este último ante todo “como un rasgo de carácter nacional”, primando por tanto su condición de español, lo cual supone, obviamente, una visión nacionalista (...) (Reguera, 2005, p.62-63.)

O jornal brasileiro de Agostini utiliza-se dessa leitura da contradição entre Quixote e Sancho para construir a sua imagem dos dois personagens cervantinos e, através deles, ler a sua própria condição. O Quixote representa o idealismo e Sancho, a prática e a realidade e ambos se completam, pois sem ideias não se impulsiona a ação. Por isso, o jornal enuncia que Sancho alertará o Dom Quixote brasileiro dos obstáculos, das dificuldades e da forma como as situações realmente se apresentam, sem serem embaçadas pela visão do cavaleiro.

A interação dos dois personagens cervantinos com os acontecimentos políticos e sociais no jornal ilustrado de Angelo Agostini demarca bem o contraste entre eles. Se Dom Quixote comenta os acontecimentos de guerras, como a batalha da Armação, por exemplo, na edição de 9 de fevereiro de 1895, Sancho se encarregará de falar sobre as ocorrências policiais cotidianas, como brigas que ocorrem nas ruas, como no poema “Ameno e útil”:

Nada ha de tão interessante
Como o que lê-se em jornaes
Sobre o que ocorre importante
Em factos policiaes (...)
P’ra apreciar tal leituras
Que muito o pode ilustrar
Que assignante a assignatura
Não quererá de reformar?
Sancho Pança (Agostini, 1895, p.4)

Neste poema, Sancho Pança critica o comportamento do povo, quando ironiza que esse tipo de matéria, como embriaguez, brigas

e abordagens policiais, seja digna para o jornal noticiar. Assim, critica a imprensa carioca no geral. Ao final, afirma que o jornal quer reformar os seus assinantes, isto é, o próprio povo. Além disso, supõe que esse tipo de notícia não é importante, uma vez que serve, apenas, para gerar sensacionalismo e para nenhuma ação prática. O título do poema é “Ameno e útil”, porque esse tipo de notícia não compromete o meio que a veicula, por não se relacionar a nenhum partido ou ideologia política e, dessa forma, é ameno e útil, pois os fatos policiais precisam ser informados para a comunidade. Esse poema, segundo Oliveira (2006) tinha o objetivo de criticar a *revista Ilustrada*, que havia publicado esses eventos dias antes:

Ao que parece, a publicação da rua de Gonçalves Dias sentiu-se atingida por um poema intitulado ‘Ameno e útil’, assinado por Sancho Pança, no terceiro número da Don Quixote. Ali, criticava-se, de forma muito genérica, o baixo nível da imprensa carioca. A resposta não tardou, na *Revista Ilustrada*, no. 667. (Oliveira, 2006, p.221)

O personagem Sancho Pança parece adequado para esse tipo de abordagem, uma vez que representa o povo simples e que convive com esses acontecimentos, contrapondo-se a Dom Quixote. Por isso, as características desse personagem são mantidas no jornal de Agostini.

A imagem do povo nesse poema, no entanto, é moralista e negativa, afirmando que o problema da “nação brasileira” era o seu povo pobre, destituído de moral e bom comportamento. Além da proposta de criticar a *Revista Ilustrada*, sua adversária nesse momento, também demonstra a ideia de que os eventos populares eram indignos de serem representados em um jornal.

Sancho aparece citado, também, em outros textos, como o que trata do caso do serviço da empresa de bondes de Villa Izabel obstruído pelos caminhões (na verdade, carroças) que descarregavam produtos perto da linha férrea e

obstruíam a passagem dos bondes. Ao mencionar Sancho Pança, o suposto autor destaca a nota humorística do personagem, seja para dizer que é ingênuo ou, ao contrário, sagaz, ao criticar o aumento dos preços das carroças que se dispõem a transportar os passageiros dos bondes:

Com essa restauração muito lucram as duas populações vizinhas que, duvidosas da pontualidade do correio, para se comunicarem, careciam de andar para lá e para cá, ou de lá para cá, em risco de ficarem no meio do caminho, assados ou afogados, pelos velhos calhambeques em que a Companhia Cantareira lhes proporciona transporte com aumento de 50% no preço das passagens. O meu conterrâneo Sancho Pansa, que é homem de incomparável bom senso, ao ouvir-me fardelar contra esse aumento, observou-me que à companhia Cantareira sobeja razão para o fazer, visto como, propondo-se a transportar os passageiros para outra banda, podia dar-se o caso de alongar a viagem para... o outro mundo. A vista de tal razão... (*DON QUIJOTE ILUSTRADO*, 1895, p.6).

A crítica empregada pela *Don Quixote* de Agostini parece mais enfática e virulenta quando os personagens são mais pobres e humildes, mas bem mais amena quando se trata de figuras poderosas. Oliveira (2006) observou isso, em uma comparação entre duas notícias de crimes noticiadas pelo jornal, uma cometida por um negro e outro por um branco, em que o editor reagiu de forma mais violenta contra o primeiro e mais amena com o segundo. Da mesma forma isso se sucede quanto ao tratamento entre a prostituição pobre e a rica, mostrando os limites do abolicionismo do jornalista, bem como o seu racismo que, outrora, quando trabalhava na *Revista Ilustrada*, não deixava entrever. De acordo com Oliveira:

Assim, a campanha abolicionista desenvolvida por Agostini não era voltada para os pobres e muito menos para os escravos, mas para os membros da própria classe social. Essa constatação ajuda a entender que os aparentes zigzagues na sua conduta política têm a ver com os impasses colocados diante desse setor da sociedade. Por conta das ambiguidades presentes na própria campanha abolicionista, não se pode afirmar com segurança que Agostini seria um defensor incondicional das causas populares. Apenas em parte isso se dava: quando havia convergência de objetivos

com setores das classes dominantes, ou quando determinadas agressões e violências eram exageradas. (Oliveira, 2006, p.228)

A posição política da *Don Quixote*, dita como apartidária, era, ao contrário, bem marcada. Sua posição era elitista, liberal no que condizia apenas aos interesses dos proprietários de terras e escravos e, sobretudo, republicana no sentido mais conservador do termo. A defesa da abolição se dava quando não estava em desacordo com a classe dominante.

Don Quixote e Sancho Pança foram usados por Angelo Agostini para defender sua ideologia conservadora e republicana, levemente abolicionista, apenas na medida de um acordo com a classe dominante brasileira do fim do século XIX e início do XX. O personagem cervantino também foi representado no Chile para falar de seus propósitos ideológicos. Há alguns pontos em comum entre Brasil e Chile em relação a essa leitura jornalística, mas também muitas diferenças.

Pontos semelhantes e divergentes entre os periódicos *Don Quijotes* chilenos e o brasileiro *Don Quixote Ilustrado*, de Angelo Agostini

O personagem cervantino Dom Quixote nomeou vários jornais pelo mundo todo no século XIX. Oliveira (2006, p. 215) afirma que “Cervantes emprestara seu nome para publicações em Havana (1864-65), Madri (1869,1889 e 1892) e Buenos Aires (1883).” No Chile e no Brasil não foi diferente: o protagonista quixotesco inspirou jornais para defenderem suas posições ideológicas e proclamarem o seu nacionalismo.

O sentimento nacionalista é um fator comum de representação, ao menos entre Chile e Brasil. Isso se explica pelo fato de os dois países passarem por processos de consolidação de suas repúblicas durante o século XIX para o início do XX. Nesse sentido, ambos apresentaram leituras

divergentes da obra de Cervantes, adequando-a aos seus interesses, tanto para criticar a república, quanto para defendê-la. Muitas leituras são quase alheias à forma como o livro foi lido na sua época de publicação, pois usam os personagens e as situações para falar de sua própria identidade e problemas sociais e econômicos de seu contexto nacional. Raquel Villaborba Lara (2014) defende essa posição ao estudar a recepção quixotesca e cervantina no Chile em sua tese, usando o pressuposto teórico de Chartier (2009), em sua obra *A história do livro e da leitura*, em que afirma que o livro não está isolado na sua individualidade criadora, mas se inscreve e é interpretado por seus leitores conforme o contexto em que se inserem. De acordo com Salomon (2009, p.7), Chartier afirma que tanto a história literária, quanto a cultural, são construídas a partir “de algumas questões comuns às diferentes heranças e tradições da história cultural. A primeira delas se relaciona às diferentes compreensões da articulação entre ‘essas obras singulares e as representações comuns’: o processo pelo qual os leitores, os espectadores ou os ouvintes dão sentido aos textos (ou às imagens) dos quais se apropriam”.

O pressuposto de Chartier (2009) esclarece as semelhanças da leitura quixotesca que os dois países estabelecem, pois viveram processos parecidos de colonização e de consolidação de suas repúblicas. Isso faz com que suas heranças culturais, bastante influenciadas pelo ideal civilizatório europeu, relacionem a figura de Dom Quixote com esse anseio, pois, na busca de sua identidade, negaram, a princípio, o referencial cultural indígena e africano, por considerá-lo contrário à civilização. Dentro dessa perspectiva, a leitura quixotesca jornalística do fim do século XIX para o XX dos dois países se assemelha nos seguintes pontos: primeiro, o protagonista é visto como um idealista, herói e sonhador. Logo, é apropriado para ser um personagem que denuncia o que considera injusto.

O segundo ponto é ser reconhecido como alguém que ama a sua pátria e luta por ela, embora a obra original de Cervantes não tenha, exatamente, proclamado o sentimento nacionalista, e que tem a ver com essa busca pela identidade nacional própria. O terceiro ponto é a aposta dos jornais em investir na oposição entre Dom Quixote e Sancho Pança, respectivamente, entre idealismo, eruditismo x racionalidade, popular. E, por fim, o quarto ponto é a identificação que criam entre o personagem e as ideias liberais republicanas, salvaguardando as devidas diferenças de contexto entre os dois países. Perpassaremos cada um dos pontos semelhantes de leitura.

Os jornais, tanto chilenos, quanto o brasileiro, veem Dom Quixote como um herói idealista, pois o representam em uma posição de superioridade frente aos governantes que o criticam. Há cenas em que o personagem aconselha os presidentes, ou caricaturas em que D. Quixote aparece tirando o soberano de cima do trono com sua lança.⁵ Também anunciaram, em seus lançamentos, o protagonista como a inspiração para denunciar o que consideram injusto e, sobretudo, para defender suas ideologias. O personagem é visto, tanto pelas publicações chilenas, quanto pela brasileira, como o homem providencial, que olha os acontecimentos colocando-se fora deles, sem estar envolvido, e tem condições de denunciar e de intervir. Essa imagem tem a ver com a busca por um homem providencial que resolva os problemas das duas nações, que estavam começando a construir sua identidade.

5 Essa cena aparece muito nos desenhos de Angelo Agostini, em *Don Quixote Ilustrado*. Não trabalhamos com os desenhos aqui por uma questão de recorte do tema, somente com algumas menções mais importantes nos textos que possuíam pontos de contato com os jornais chilenos. Vale a pena, no entanto, mencionar algumas caricaturas de Agostini: na n. 4, de 16 de Fevereiro de 1895, Dom Quixote aparece carregando o governador do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, pela lança, tirando-o da cadeira do governo; outra bem emblemática aparece na n. 7, de 9 de Março de 1895, em que o personagem carrega o governador de Pernambuco pela coleira, este transformado em onça, trazendo-o na frente do Marechal Deodoro da Fonseca e a República cobrindo os olhos, envergonhada.

O segundo ponto trata de Dom Quixote como um nacionalista. Nesse caso, os jornais chilenos e o brasileiro transformam a busca do personagem original, sua princesa fictícia Dulcinea, em suas respectivas pátrias. Nesse sentido, Agostini (1895) chega a anunciar no primeiro número de seu jornal que a Dulcinea de seu Quixote é a nação brasileira e que ele quebrará muitas lanças por ela. Da mesma maneira, *Don Quijote, periódico popular de caricaturas* (Santiago, 1902-1903) anuncia que vai defender “a sua pátria e o bem estar de seu povo.”

Desse modo, o personagem inspira o sentimento de nação, conforme preconiza Williams (2006), o qual significa construção da identidade nacional, sentimento de pertencimento, ao contrário do que seria o nacionalismo ruim, no sentido de dominar outras nações e de promover a segregação. No caso brasileiro, o jornal de Agostini (1895-1905) destaca os ideais positivistas, os quais marcam a orientação ideológica da primeira República, e afirma os dizeres da Bandeira: “Ordem e Progresso”. Já para os jornais chilenos, o povo é um elemento que aparece junto com a ideia de nação, diferentemente do que acontece no jornal de Agostini, cuja preocupação não é, exatamente, com o povo.

O terceiro ponto é a contraposição entre Sancho e Dom Quixote usada pelos jornais para diferenciar o povo da classe dominante, ou ainda, para definir duas perspectivas sobre os acontecimentos sociais e políticos: a idealista e sonhadora, representada por Dom Quixote, e a realista, por Sancho Pança. Em relação à primeira oposição povo x classe dominante, Sancho aparece representado como a voz popular. Nos jornais chilenos, ele é a figura que denuncia o comportamento da classe dominante. Em *Don Quixote ilustrado*, no entanto, embora fale da classe dominante, também censura o comportamento do povo e é usado para alfinetar a imprensa concorrente,

como a *Revista Ilustrada*, meio de comunicação ao qual Angelo Agostini pertenceu outrora.

A crítica à classe dominante feita em *Don Quixote Ilustrado* é muito mais amena da que é realizada pelos jornais chilenos. O personagem Sancho Pança faz parte disso, pois, se no jornal brasileiro é usado para criticar o próprio povo ou os outros meios de comunicação, nos chilenos é identificado com eles. Há uma cena muito importante no jornal *Sancho Pança. Semi diario de buen humor* (Santiago, 1893-1894) em que o personagem é convocado para consertar o Chile, evocando a cena quixotesca da ficção armada pelos duques, conferindo o governo de Sancho Pança em uma ínsula. Esta recriação realizada pelo periódico mostra que o personagem fracassa em seu objetivo, pois adquire os maus hábitos que critica e não consegue manter a ordem no país. Esta imagem mostra uma leitura de que Sancho, por ser uma figura popular, não é capaz de governar, porque tem os mesmos hábitos do povo, o que revela um pensamento ideológico.

A mesma ideia parece estar presente no jornal de Agostini (1895-1905), embora de forma diferente. Sancho não aparece aqui com o mesmo destaque que nos jornais chilenos, a ponto de lá ter um periódico com o seu nome e aqui não. Contudo, a semelhança na forma de mostrar o personagem se dá na crítica extremamente amena que profere à classe dominante. Nos chilenos, é mais atuante, mas a cena em que não consegue governar o Chile passa a ideia da incompetência do povo de governar a si mesmo.

Em Agostini (1895), Sancho será responsável por guiar Dom Quixote pelos acontecimentos políticos e sociais brasileiros, “dando-lhe a nota realista”. Nesse sentido, a separação entre as duas perspectivas representadas pelos personagens é bem ululante, pois Sancho é o realista, o senso comum, e Dom Quixote é o idealista, sonhador e

que vive em um mundo à parte. Nesse sentido, Sancho representa o olhar do senso comum e realista, enquanto que o Dom Quixote é o do visionário que enxerga além do que está explícito. Assim, tanto os jornais chilenos, quanto o brasileiro, colocam Dom Quixote como o personagem que possui mais autoridade para falar seriamente dos acontecimentos e de intervir sobre eles, enquanto que, em relação a Sancho, é mantida a sua ingenuidade e olhar realista, porém, reduzido, sobre a realidade.

O quarto ponto semelhante entre as duas leituras quixotescas jornalísticas, chilena e brasileira, é a perspectiva de Dom Quixote como defensor das ideias republicanas liberais. Esta visão se constrói a partir de algumas características do personagem, entre elas, a defesa da liberdade individual, expressa, por exemplo, nas famosas cenas da libertação dos galeotes e na do menino que apanha do patrão. Além disso, o período recortado para análise, de 1884 a 1905, compreende o início das repúblicas tanto no Chile quanto no Brasil, e se tratava de uma época em que as ideias liberais estavam dominantes no mundo todo. Há, no entanto, as devidas diferenças em relação a isto: enquanto que a república chilena foi proclamada em 1818, a brasileira ocorreu somente no final do Século XIX, em 1889. Além disso, o período republicano chileno, de 1861 a 1891, tinha uma feição menos conservadora que a brasileira que, no fundo, mantinha a mesma política monarquista de outrora. Há, nesse sentido, uma diferença fundamental na forma como as publicações de cada país praticam as ideias liberais e o que defendem. Os periódicos chilenos criticavam os governos republicanos por fazerem concessões aos políticos conservadores, enquanto que o *Don Quixote Ilustrado*, de Angelo Agostini (1895-1905), era totalmente conservador e nunca contrariava os interesses da classe dominante. Desse modo, o

personagem Dom Quixote era usado para expressar interpretações diferentes da própria ideologia liberal, ou partes dela que mais interessavam.

Isso significa que as ideias liberais eram entendidas e praticadas, de forma distinta, entre os dois países: no Chile, ser liberal significava combater o clero e os aristocratas, enquanto que no Brasil, as coisas se aclimatavam conforme os interesses, conforme Schwarz (2012) afirma em seu texto “Por que ‘as ideias fora do lugar?’”.

As ideias liberais, no Brasil, pareciam estar embaralhadas ou “fora de contexto ou lugar”, pois algumas eram defendidas, como o direito à propriedade e à liberdade individual. Estas, contudo, não eram consideradas quando se tratava dos negros escravos e do povo pobre, por exemplo, gerando essa distorção comentada por Schwarz (2012). Essa perspectiva acompanha a leitura do personagem Quixote realizada por Agostini (1895-1905): defende a abolição, mas até a medida em que não entra em conflito com a classe de fazendeiros e cafeicultores; da mesma forma procede com o pobre. Já no Chile, o personagem proclamava as ideias liberais relacionadas ao bem-estar do povo, por entender que o lado oposto o explorava.

Todos esses elementos representados pelo protagonista e seu escudeiro foram motivados pelos próprios interesses dos jornais em questão, e não pela leitura da obra. No entanto, também foram influenciadas por leituras anteriores, principalmente pela perspectiva romântica europeia. Isso significa que, conforme Gadamer (1997), o contexto efetual é importante, mas não é o fator determinante para entender como a história de uma obra literária é construída. O autor argumenta que as leituras anteriores são também consideradas e que toda a perspectiva tem um limite físico, uma vez que não é possível a nenhum leitor prever, completamente, quais leituras virão depois dele.

A perspectiva unamuniana é de que, embora o personagem esteja louco, sua loucura é extremamente lúcida, uma vez que as estruturas sociais não são saudáveis e oprimem o ser humano. De acordo com Unamuno:

Y hemos concordado que una locura cualquiera deja de acuerdo de serlo en cuando se hace colectiva, en cuanto es locura de todo un pueblo, de todo el género humano acaso. (...) Y tú y yo estamos de acuerdo en que hace falta llevar a las muchedumbres, llevar al pueblo, llevar a nuestro pueblo español una locura cualquiera de sus miembros y no esté loco, loco de verdad y no de mentirijillas. Loco, y no tonto. (Unamuno, 1914, p.24)

A ideia de representação nacional espanhola do *Quixote* que está em Unamuno também aparece em Ortega y Gasset (1967), pois o autor vê, no protagonista, o símbolo desse homem espanhol que busca melhorar o contexto de sua pátria, no sentido de “regenerá-la”. Dessa forma, os dois autores professam as ideias do regeneracionismo da geração de 98 espanhola, que procura resgatar o sentimento de nacionalismo.

A leitura de Unamuno (1914) está presente tanto nos jornais chilenos quanto no brasileiro, porém, com a diferença de que o povo é um elemento muito mais citado pelos primeiros do que pelo segundo. Em relação à ideia nacionalista, esta parece bem mais abstrata no jornal de Agostini, que parece considerar como integrantes da nação somente os membros da aristocracia rural. Dessa forma, a expressão que utiliza, logo no primeiro número de seu jornal, *Mais civilização, mais progresso, mais humanidade*, relacionada diretamente ao ideal de nação desejada, não inclui a todos. Ao contrário, quando critica as diversas insurreições que aconteceram no período, como a Balaiada, a Guerra de Canudos e a Revolta da Armação, ou quando emprega maior dureza para com um bandido negro do que um branco, demonstra que sua ideia de pátria não inclui os negros, os indígenas e, muito menos, o povo pobre. Logo, é absolutamente conservador

e parece, em muitos momentos, não admitir isso, ao se proclamar “apartidário”.

Nesse sentido, os dois países utilizam o *Quixote* para defender as ideias de civilização e nacionalismo, mas de formas diferentes. Os jornais chilenos defendem uma nação liberal e que garanta o bem-estar do povo, já para o brasileiro, que seja liberal na medida que sirva aos interesses de quem manda. Dessa forma, os chilenos parecem estar mais de acordo com as ideias de Ortega (1967) e da geração de 98 espanhola.

A questão da contraposição entre Sancho e Dom Quixote, representando cada um uma visão do ser humano, já era uma orientação da leitura europeia quixotesca vigente durante século XIX e que perdurou no XX, conforme afirma Reguera sobre a maneira como alguns estudiosos alemães leram a dupla protagonista:

A. W. von Schlegel, por su parte, realizó una interpretación simbólica de la pareja protagonista, como encarnación de la poesía y prosa de la vida. Schelling, finalmente, fue el que concibió el Quijote como una antinomia entre lo ideal y la realidad, entre espíritu y materia, alma y cuerpo, con términos que determinaron la crítica posterior. (Reguera, 2005, p.46).

A leitura de Schelling foi a adotada tanto pelos jornais chilenos, quanto pelo brasileiro, para usar os personagens para expressar seus interesses. A dicotomia entre ideal (Dom Quixote) x realidade (Sancho) era fundamental para estabelecer a diferença de como os dois personagens ficcionalmente interpretavam os fatos sociais políticos e sociais das duas nações durante o período do final do século XIX para o XX.

Isso significa que as publicações do Chile e do Brasil leram o Quixote, sim, de acordo com seus interesses e seu contexto, porém, se utilizando das interpretações da obra e dos personagens anteriores e que pertenciam ao contexto europeu. Além disso, eram leituras vigentes desse período, tanto na Espanha, quanto em Portugal, de modo

que suas antigas metrópoles marcaram, não só o que tange à leitura do Quixote, como, também, definitivamente, seus processos de construção nacional e de identidade. Esse pressuposto teórico vem de Gadamer (1997), o qual afirma a interrelação entre as diferentes leituras de uma obra de arte, na qual o contexto é importante, mas não é o fundamental; e de Jaus (1994), para o qual a história de uma obra é composta pela sucessão das várias recepções leitoras, que influenciam umas às outras. Certamente, os editores e jornalistas chilenos e brasileiros tiveram acesso a essas leituras e as utilizaram para defender suas ideologias, adaptando-as para a sua interpretação particular dos protagonistas Dom Quixote e Sancho.

O caso da leitura quixotesca jornalística chilena e brasileira ocorre conforme afirma Vieira (2012), seguindo uma tendência de leitura mais espontânea. Contudo, estabelece uma diferença fundamental entre Ortega Y Gasset (1967) e Unamuno (1914), que é:

essa terceira orientação encontra-se sobretudo, nos trabalhos de Ortega Y Gasset y Américo Castro, que se preocupam em enfrentar o problema metodológico na abordagem do texto clássico, ao contrário do que fez Unamuno, por exemplo, que se empenhou na recriação mítica da obra, tratando de destacar o sentido vivo e perdurável de um texto clássico, desconsiderando a consistência histórica. (Vieira, 2012,p.43)

As leituras dos dois jornais seguem muito mais a orientação unaminiana do que a de Ortega y Gasset (1967), embora esta esteja presente também na ideia de nação. A questão é que a imprensa se identificará mais com a leitura espontânea, porque permite aclimatar os seus interesses às características do protagonista quixotesco.

Considerações Finais

Com este estudo, conclui-se que a leitura nacionalista realizada por Unamuno (1914), no início do século XX, na Espanha, foi a interpretação

que vigorou nos jornais chilenos e no brasileiro no período citado. Isso ocorreu porque ambos estavam em períodos independentistas e viram, na obra e nos dois protagonistas, Quixote e Sancho, referências de idealistas e lutadores pela liberdade, pela justiça e pelo desejo de tornar o mundo melhor.

Por isso, a fundamentação desta explicação seguiu os pressupostos de Chartier (2009), uma vez que esses países latino-americanos leram *Dom Quixote* de acordo com seus anseios de construção de identidade, liberdade e de criticar os governos de possuíam, ou seja, seguiram o contexto efetual e seus acontecimentos. No que tange esta relação, os dois possuem, evidentemente, diferenças em seus processos de independência, uma vez que, no Chile, a libertação da Espanha já começou com o processo de república, enquanto que no Brasil pouca diferença houve entre monarquia e república. Isto significa o que Schuwarz (2012) afirmou sobre os processos de intauração das ideias liberais, isto é, respeito à liberdade individual e ao direito à propriedade. No Brasil, esta ideologia estava fora de lugar, porque a propriedade privada convivia com a escravidão, formando, assim, uma contradição. O jornal de Agostini demonstrou isso em sua leitura do Quixote como denunciante das injustiças e porta voz de uma república contraditória e conservadora.

No entanto, a leitura chilena e brasileira do Quixote não é apenas influenciada pelo contexto, mas sim, pelas ideias de Miguel de Unamuno, posto que a Espanha, integrante da Europa, ainda ditava os pressupostos interpretativos não só sobre a obra, mas sobre todo o restante. Nesse sentido, é inegável que, em sua busca pela identidade própria, os países latinoamericanos estivessem ainda sujeitos à influência das ideias europeias, pois foi o que conheceram como modelo civilizatório.

Referências

- AGOSTINI, Angelo. *Don Quixote Ilustrado* (1985-1905). In: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714178&pesq=> Acesso em: 07\06\2017.
- CHARTIER, Roger. *A história da leitura e do tempo*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica: 2009
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3.a edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- GASSET, José Ortega y. *Meditações do Quixote*. Tradução de KUJAWSKI, Gilberto Melo. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da Literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellari, Editora Ática, São Paulo: 1994.
- LARA, Raquel Vilallobos. *La primera edición del Quijote em Chile (1863): reescritura, recepción crítica y reinterpretación em Chile desde 1863 a 1947*. Tese de doutorado. Universidad del Chile, 2014.
- REGUERA, José Montero. *El Quijote durante cuatro siglos: lecturas y lectores*. Valladolid, Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2005.
- UNAMUNO, Miguel. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Renacimiento, 1914.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Trad. De Sandra Guardini Vasconcelos. –São Paulo: Boitempo, 2007.
- OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte à Capital Federal (1864-1910)*. Tese de doutorado em História defendida na Universidade de São Paulo. São Paulo: Programa de Pós Graduação Scriptu sensu em História, 2006. 335p.
- SCHUWARZ, Roberto. Por que “ideias fora do lugar?” In: *Martinha versus Lucrecia-ensaios e entrevistas*. 1a. edição. São Paulo: Companhia das Letras: 2012. p.165-172.
- VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *A narrativa Engenhosa de Miguel de Cervantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

Submissão em: 20 de julho de 2018.

Aprovado em: 01 de agosto de 2018.